



As Obras de Arte Enquanto Retratos de um Tempo

Melissa Mota Alcides

Mestranda do Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA da Universidade Federal de Alagoas

Flávia Campos Cerullo

Bolsista do Programa Especial de Treinamento - PET na Universidade Federal de Alagoas

Introdução

No século XVII os holandeses ocuparam o nordeste do Brasil, sob o comando da Companhia das Índias Ocidentais interessada em Pernambuco, o maior produtor mundial de açúcar nesse período. Essa passagem deixou sua marca na história e nos documentos, escritos e iconográficos de extrema importância para o conhecimento desse momento, considerado único na história brasileira.

Percebendo o valor documental e histórico, este trabalho pretende se utilizar da arte iconográfica holandesa, produzida por esses estrangeiros que aqui estiveram. A atual cidade de Recife, objeto deste estudo, foi a cidade mais retratada por eles devido a sua importância como capital do governo holandês. Através da obra de cartógrafos e pintores flamengos pode ser observada a grande quantidade de intervenções feitas na cidade sob o comando de Maurício de Nassau, muitas delas inovadoras no território brasileiro.

Breve biografia de Nassau

O Conde João Maurício de Nassau foi enviado em 1637 pela Companhia das Índias Ocidentais para assumir o cargo de governador de Pernambuco. Além da atribuição política, ele era encarregado da administração da produção açucareira e do comando das tropas militares. Porém, devido a sua personalidade, reflexo de sua criação humanista na Europa, não se contentava apenas com as funções para as quais fora encarregado.

Nascido em 17 de junho de 1604 em Dilemburgo na Alemanha, Maurício de Nassau recebeu uma educação digna dos nobres. Com a burguesia assumindo o lugar da nobreza, dominando a política e a economia, e todas as mudanças que estavam acontecendo na Europa nesse período, a aristocracia, em decadência passa a investir na educação dos filhos para prepará-los para assumir as novas funções públicas, e foi isso que a família de Nassau fez. Maurício passou os primeiros anos em Siegen, viveu na Basileia, em Genebra e dos doze aos quinze anos estudou no *Collegium Mauritianum*, em Kassel. Mais tarde foi para a corte de seu padrinho, em Haia, onde freqüentava um círculo de intelectuais, filósofos, cientistas e artistas, os quais se tomaram referências para sua vida. Passou por outras cidades da Alemanha e da Holanda, numa época em que Amsterdã era o mais importante e influente centro de desenvolvimento tecnológico, humanístico e artístico. Ao passar por todos esses lugares, ao longo do

tempo, desenvolveu em sua mente os ideais humanistas e calvinistas que se difundiam na Europa, formando sua personalidade criadora, inovadora e desenvolvimentista.¹

Após a conquista de Pernambuco pelo General Lonck, em 1630, Nassau se destaca em várias campanhas militares ganhando prestígio e reconhecimento. Aliadas aos serviços prestados por sua família ao Governo das Províncias Unidas, suas conquistas militares o levaram a ser escolhido, em 1636, para Governador dos centros produtores de açúcar em Pernambuco.²

Ao vir para o Brasil, Maurício de Nassau trouxe consigo os conhecimentos adquiridos ao longo de uma vida dedicada aos estudos e uma comitiva composta por cientistas, médicos, cartógrafos, geógrafos, pintores e naturalistas para investigar e registrar as características da nova terra, fauna e flora desconhecidas, os costumes dos nativos, como também os seus feitos nela. Ele queria mais do que exercer a função para a qual foi destinado, queria fazer história e assim se mostrou um príncipe seguidor dos princípios humanistas e impulsionador das artes. Durante sua permanência e de sua comitiva foi produzida uma grande quantidade de obras de interesse estético e científico. A Gaspar Barléu foi encomendado o relato de sua passagem e estada no Brasil, além de seus feitos, ao geógrafo e naturalista Georg Marcgrave e ao médico Guilherme Piso coube a descrição da fauna e a flora locais na História Natural do Brasil e, por último, o registro das paisagens, dos costumes e da população ficou a cargo dos artistas Frans Post e Albert Eckhout.

A arte holandesa seiscentista: um objeto de investigação

Sabe-se que a arte holandesa, nesse período, caracterizava-se por uma busca do detalhe e da precisão, o que confere ao material produzido uma possibilidade ímpar de acesso aos aspectos do cotidiano e da vida colonial.

Já a cartografia holandesa se desenvolveu estreitamente associada ao cálculo astronômico e às novas descobertas tecnológicas. Buscando tirar partido dessa qualidade das obras, foi realizado um trabalho de pesquisa que tomou como objeto de estudo os mapas e as vistas, elaborados pelos cartógrafos e pintores trazidos por Nassau, que, na época exerciam função militar e de reconhecimento da área, porém, representavam também a visão do artista sobre a localidade.

Através dessa iconografia seiscentista, procurou-se investigar a possível influência holandesa na configuração do espaço urbano de Recife. Esse estudo baseou-se na sobreposição de imagens antigas e atuais, na percepção individual em visitas ao local de estudo e em bibliografia especializada referente ao urbanismo colonial brasileiro e à presença holandesa neste país.

Os holandeses no Brasil: o século XVII

Quando os holandeses chegaram ao Brasil em 1630 se fixaram em Olinda, sede de Pernambuco. Porém, logo perceberam que seus morros eram difíceis de ser fortificados, tornando insegura sua permanência após a recente conquista. Notaram então o povoado de Santo Antônio do Recife, conhecido apenas como porto de Olinda, instalado na península ao sul da cidade. O local possuía defesas naturais, era possível de ser fortificado, sendo o porto de extrema importância para a Companhia das Índias Ocidentais no transporte do açúcar produzido em Pernambuco. Nesse período viviam no Recife apenas as pessoas ligadas aos serviços portuários e pescadores. Existiam poucas habitações, algumas tabernas, vendas e armazéns.³ O povoado era totalmente dependente de Olinda onde viviam os nobres abastados, recebendo de lá até a água necessária à sobrevivência.

¹ Ver GALINDO, Marcos. "O Brasil e o Sonho". In.: *Eu, Maurício – Os espelhos de Nassau*. Catálogo da exposição. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004: p. 48 a 55.

² *Ibidem*. 55 a 57.

³ Ver MENEZES, José Luiz Mota. Olinda e o Recife: 1537-1630. In.: *Revista Oceanos: A Construção de Brasil Urbano*. n. 41, janeiro/março, 2000: p. 143.

Em 1631 os holandeses incendiaram Olinda e se fixaram em Recife. O povoado, que até então tinha cerca de duzentos habitantes,⁴ começou a crescer desordenadamente, aumentando cada vez mais sua população, tanto das pessoas vindas de Olinda quanto de imigrantes estrangeiros.

Quando Maurício de Nassau chegou ao Recife, em 1637, encontrou um povoado com características da ocupação portuguesa no traçado das ruas e na tipologia das construções, muito diferente da idéia que ele tinha em mente de “cidade ideal”. Dentre suas primeiras ações estavam a organização da vila, drenagem e a criação de serviços públicos. Posteriormente, seu território também foi sendo ampliado devido à falta de habitação gerada pelo crescimento acelerado da população.

A influência holandesa na arquitetura da península se restringiu a construções isoladas, pois o traçado urbano português já se encontrava definido pela forma da península e pelo eixo marcado pelo tráfego vindo de Olinda, passando pela Igreja do Corpo Santo em direção a ilha de Antônio Vaz, atual bairro de Santo Antônio, e suas ruas ortogonais. As construções holandesas foram surgindo espontaneamente, edificadas por usuários acostumados à forma de morar flamenga.

Mesmo com as ampliações através de aterros, a verticalização definida com a construção de sobrados e a tentativa de melhor organização do território pelos holandeses, o problema da habitação na vila não se resolveu, visto que enfrentava sérios problemas de infra-estrutura urbana.⁵ Nassau, então, resolveu investir na Ilha de Antônio Vaz, local escolhido por ele para estabelecer residência e que se encontrava fortificado. Em 1639 ele encomendou um plano de urbanização da Ilha que viria a se tornar a chamada “Cidade Maurícia”, em uma vasta campina cortada por um braço de rio, localizada entre o Forte Ernesto e o Forte Frederico Henrique ou das Cinco Pontas.

O plano seguiu os princípios de geometria, equilíbrio, proporção, regularidade e racionalidade, os quais estavam sendo utilizados nas reformas urbanas de cidades européias do período. No projeto, canais separavam as quadriculas ortogonais e os espaços livres eram reservados para as praças ou largos, utilizados para comércio ou lazer. Pontes, primeiramente pensadas para transportar água da ilha para o Recife, resolveram o problema da locomoção e do transporte entre as duas localidades.

O Palácio de Friburgo, construído para residência do Conde, tornou-se um centro de estudos científicos e o Parque de mesmo nome é considerado por muitos estudiosos como o primeiro jardim urbano do Brasil. O Palácio, concluído em 1642, localizava-se na extremidade da Ilha de Antônio Vaz voltado para o Rio Beberibe e possuía uma arquitetura bastante imponente. Era antecedido por um pátio, dando a idéia de um deck ou porto e possuía uma característica de saliência na paisagem. Fora construído em forma de “U”, com seu lado aberto voltado para a água. Possuía duas torres laterais, uma servindo como farol e telégrafo e a outra como observatório astronômico.

As primeiras intervenções urbanísticas se deram na parte mais antiga da Ilha, ao redor de onde ele morava, ficando conhecida como “Velha Maurícia”, o que antes era um recinto fortificado denominado *Groot Kwartier*. Em seguida as intervenções foram se expandindo para a “Nova Maurícia”, ao sul da Velha. Para o desenvolvimento da nova cidade, Nassau procurou incentivar as pessoas para se transferirem para a Ilha, chegando até a proibir a construção de novas casas em Olinda, também porque se tornaria perigoso para o domínio holandês a existência de um núcleo de portugueses e brasileiros próximo ao seu domínio.

Um estudo iconográfico

Os mapas

Todas as intervenções citadas podem ser observadas nos mapas e vistas produzidos pelos artistas flamengos. Analisando-os pode-se perceber aspectos da formação da paisagem e do traçado urbano da atual cidade do Recife. Para este trabalho foram analisados 30 mapas e 10 vistas do século

⁴ MENEZES, José Luiz Mota. *Op. cit.* 2000: p. 144.

⁵ Ver MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*. Recife: Massangana Ed., 1987. Sem paginação.

XVII a fim de se proceder a sobreposição dos dados atuais aos antigos, buscando-se resquícios da presença holandesa e sua possível influência na construção do espaço e configuração urbana de Recife. As diferenças podem ser mais facilmente percebidas se agrupadas em quatro períodos temporais:

1. Antes da chegada dos holandeses;
2. De 1630 até o ano de 1636;
3. O período da permanência de Nassau, de 1637 a 1644;
4. Após o ano de 1644.

1. Antes da chegada dos holandeses, ou seja, antes de 1630

A cartografia anterior a 1630 compõe-se, basicamente, de desenhos esquemáticos, elaborados por portugueses, que mostram Recife junto a Olinda. O primeiro mapa analisado data de 1609 da autoria do português Diogo de Campos Moreno.⁶ Representa-se o casario definindo as ruas, com Olinda muito mais povoada que Recife. Neste período ainda não se conhece toda a extensão da Ilha de Antônio Vaz, que aos poucos vai se delineando nos mapas. De um modo geral observamos o Convento de Santo Antônio reapresentado na ilha. No Recife, são apresentados os fortes de São Jorge e da Barra, as igrejas e o porto, representado por caravelas. Os rios ainda não têm seus cursos totalmente conhecidos.

O segundo mapa, datado de 1626, de autoria de João Teixeira Albernaz I,⁷ em comparação com os mapas anteriores, mostra o Recife bastante povoado e cercado por uma paliçada; os rios Capibaribe e Afogados aparecem nomeados e a ilha, primariamente, delimitada.

2. De 1630 a 1636

Os mapas de 1630 mostram, em sua maioria, a chegada da esquadra e a conquista holandesa, com caravelas e bandeiras flamengas hasteadas nos fortes, o Recife mais povoado e Olinda densamente ocupada. Outros mostram o sistema defensivo composto pelos fortes do Brum, Ernesto, Frederico Henrique, Waerdenburch, pelos redutos, pelo alojamento fortificado na Ilha de Antônio Vaz denominado *Groot Kwartier* e pela muralha ao redor de Recife. Podemos observar construções pontilhadas que representariam projetos a serem executados e bancos de areia, muitos dos quais aterrados posteriormente. Não aparecem mais os fortes portugueses que foram conquistados e provavelmente destruídos, apenas os novos que compunham um sistema defensivo holandês. Tanto a Ilha de Antônio Vaz quanto os rios possuem suas extensões mais claramente conhecidas.

O primeiro levantamento cartográfico feito no local pelos holandeses data de 1631 e foi elaborado por Andreas Drewisch.⁸ Nele é mostrado o esquema de fortificação do Recife e da Ilha de Antônio Vaz, além de outros detalhes da Ilha, inclusive a casa que viria a ser a primeira residência de Nassau e o braço de rio que a corta.⁹

⁶ Diogo de Campos Moreno: sargento-mor português, redator de Rezão do Estado do Brasil, durante o governo de D. Diogo de Menezes, e autor do código Relação das Praças Fortes do Brasil. Ver CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1971: p. 45 e REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Fapesp Ed., 2000: p. 327.

⁷ O português João Teixeira Albernaz (1602-1666), o velho, era cosmógrafo do Rei de Portugal com carta patente para exercer o ofício de mestre construtor de cartas de marear e de instrumentos astronômicos. Ver ADONIAS, Isa. *Mapa, Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Fundação Emílio Odebrecht, Rio de Janeiro, 1993: p. 394.

⁸ A presença do engenheiro Andreas Drewisch em Pernambuco está documentada desde 31 de janeiro de 1631. Sua assinatura aparece no parecer desta data que conclui a impossibilidade de Olinda ser fortificada e propõe a fortificação do Recife e da Ilha de Antônio Vaz. Ver MELLO, José Antônio Gonsalves de. *A Cartografia Holandesa do Recife*. Recife: Massangana Ed., 1976: p. 11.

⁹ Dentre suas realizações em termos de arquitetura, Maurício de Nassau construiu quatro casas: uma próxima ao terreno dos coqueiros, sua primeira residência; a residência La Fontaine; o Palácio de Friburgo; e o Palácio da Boa Vista.

Outro mapa datado do mesmo ano, de João Teixeira Albernaz I, mostra pela primeira vez o arruado de Recife organizado através de quadras, anteriormente indicado através da representação de casas isoladas e fora de escala na iconografia.

3. De 1637 a 1644

Nesse período de permanência de Maurício da Nassau, a obra de João Cornelis Goliaht¹⁰ registra, minuciosamente, as etapas da criação e ocupação da “Cidade Maurícia” na Ilha de Antônio Vaz e a situação do Recife. Algumas edificações que apareciam tracejadas em mapas anteriores estão, nesse momento, construídas.

O mapa de 1637, intitulado *Insula Antonij Vaazij*, mostra mais detalhes da ilha com o braço de rio que a atravessa (posteriormente canalizado), e já algumas casas, além das primeiras ocupações no *Groot Kwartier*, onde está representada também a primeira residência de Nassau. Percebe-se o arruamento do Recife delineado pelo tráfego vindo de Olinda na direção do continente, se ajustando a sua forma peninsular.

Em 1639, Goliaht, revela o projeto de urbanização para a “Nova Cidade Maurícia” na Ilha de Antônio Vaz, totalmente protegida por um sistema de defesa composto por fortes e muralhas e apresenta o bairro do Recife já densamente ocupado. O projeto é baseado em planos de cidades européias e consta de pontes, canais, espaços abertos para serviços urbanos e quadras geométricas e regulares. Na “Velha Maurícia” está representado o Terreiro dos Coqueiros, onde existia em 1642 um mercado: o mercado grande de Maurícia, hoje a praça da Independência.¹¹

Considerado por Gonsalves de Mello como o melhor mapa do Recife elaborado durante o domínio holandês, o mapa de 1641 inclui uma vasta área ao redor do Recife e de Olinda, onde são anotadas as localizações de vários engenhos importantes.¹² Possui referências detalhadas e a uma série de informações precisas sobre aspectos da vida do Brasil holandês, como a existência de uma fábrica de cerveja e a localização do cemitério dos judeus.

Assim como o mapa de 1644, que mostra as modificações feitas em relação ao projeto, as quadras menores e em maior número e o “Groot Kwartier” que se abriu para a “Nova Maurícia”, apresentando o Recife ainda mais habitado. Estão representados o Palácio da Boa Vista, a Igreja dos Franceses e o Palácio e Parque de Friburgo, com a mesma planta detalhada que aparece na obra de Barléu com a descrição em legenda dos elementos encontrados no parque em minúcias. Aparece pela primeira vez, a estrada ladeada por um canal que liga o forte Frederico Henrique ao dos Afogados, a qual corresponde ao traçado da atual Rua Imperial.

4. Depois de 1644

No período logo após a volta de Nassau para a Holanda, os primeiros mapas aparecem semelhantes aos do período anterior, porém demonstrando um maior conhecimento da área continental, representando muitas construções e caminhos, trilhas ou estradas.

Já no século XVIII, a planta genográfica de 1763, apresenta a península ampliada através de aterros, com a ocupação se estendendo em direção a Olinda e as primeiras habitações no continente, no atual bairro da Boa Vista. O traçado da Ilha se apresenta muito diferente dos mapas anteriores, com as quadras menores e dispostas de forma irregular. Nessa planta, o que permanece do sistema defensivo é apenas o Forte Frederico Henrique na parte insular, porém com quatro pontas, e o Forte do Brum na península. Não se observam os canais e fossos dos fortes nem o Parque de Friburgo, apenas o

¹⁰ Cornelis Golijath: cartógrafo holandês que na década de 1640 trabalhou para Maurício de Nassau. Sua presença no Brasil é anterior a 1635. Mais tarde, nomeado comissário da Colônia do Essequibo (hoje Suriname) pela Companhia das Índias Ocidentais. Ver ADONIAS, Isa. *Op. cit.* 1993: p. 396.

¹¹ Ver MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Op. cit.* 1987: p. 102 e 103.

¹² Ver MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Op. cit.* 1976: p. 28.

Palácio. A estrada que liga o Forte Frederico Henrique ao dos Afogados antes ladeada por um canal, está agora representada seguida de uma ponte ligando-a ao continente.

As vistas

Com o intuito de complementar a análise dos mapas descrita acima, para a formação da cidade de Recife e diversos outros aspectos do cotidiano da vida colonial brasileira, principalmente no período de domínio holandês, as vistas se tornam importantes fontes de investigação, por se constituírem em obras artísticas dotadas de extrema qualidade devido a sua precisão e detalhamento.

A primeira vista analisada é datada de 1630, de autor desconhecido, *T'Recif de Pernambuco*. Nela pode-se ver como a Vila do Recife era no ano da chegada dos holandeses: um pequeno povoado em crescimento, já com sobrados e casas grandes, dos quais percebe-se claramente a tipologia. São observados o cais do porto e a paliçada em volta da vila, assim como a Igreja do Corpo Santo e o cruzeiro no local onde existia um cemitério.

A maioria das vistas são de autoria de Frans Post, encarregado de registrar a paisagem das áreas dominadas pelos holandeses, as batalhas e as principais edificações construídas ou conquistadas. Como pintor contratado por Maurício de Nassau, suas obras de Recife ressaltam os feitos do Conde no Brasil.

A imagem denominada *Friburgum*, de 1643, apresenta uma vista do Palácio de Friburgo na extremidade norte da Ilha de Antônio Vaz. Atrás do palácio, cercado por uma paliçada, vê-se o grande jardim do príncipe e seus coqueiros.¹³ No lado esquerdo da gravura aparece parte do Convento de Santo Antônio e do lado direito o Forte Waerdenburch.

Mauritiopolis, de 1645, mostra um perfil de Recife e da "Cidade Maurícia" com detalhes. Na extremidade direita vê-se ao longe Olinda sobre a colina e à sua frente o Forte do Mar, na extremidade do Recife. Várias construções estão representadas, os fortes de Madame Brum; do Brum; de São Jorge no Recife, na extremidade da península que se liga a Olinda; como também as torres do Palácio de Friburgo e o Forte Ernesto construído ao redor do Convento Franciscano de Santo Antônio. Vêem-se muitos sobrados com um e dois pavimentos, além de casas térreas. Na parte central é possível perceber alguns armazéns ou galpões. A ponte, inaugurada em 1644, aparece ligando o Recife à Ilha de Antônio Vaz. Vê-se o Recife bastante povoado e com muitos sobrados e a "Velha Maurícia" muito mais habitada que a nova.

Em *Boa Vista*, de 1647 observa-se o Palácio da Boa Vista com a "Velha Maurícia", bastante povoada, ao fundo, mostrando o Palácio e Parque de Friburgo, o Forte das Cinco Pontas e o Forte Ernesto. Ao longe se observam Recife e Olinda.

Conclusão

Através de um estudo das imagens, pôde-se observar a evolução da ocupação holandesa no Brasil e suas intervenções urbanísticas, além da configuração arquitetônica e da paisagem natural, com a presença da flora e fauna locais. Pôde-se compreender melhor o processo de formação da cidade de Recife, observando os aspectos da interferência holandesa.

Esse estudo tornou-se possível devido à relação existente entre arte e ciência. Essas duas formas de conhecimento têm sido utilizadas, historicamente, pelo homem na tentativa de compreensão do mundo e do próprio homem. Assim tanto a arte como a ciência se tornam reflexos de uma determinada época, com significado e intenção próprias.

No século XVII, a arte se utiliza da ciência a partir das novas invenções tecnológicas e se apresenta de forma realista, precisa e detalhada, sem perder o seu valor estético e a expressão do artista. Nesse contexto está a obra holandesa elaborada no Brasil, produto científico e artístico utilizado para a interpretação e compreensão de uma época.

¹³ Foi transplantado de praias vizinhas para o jardim mais de 700 coqueiros, de 40 a 50 anos e 12 a 15 metros de altura. Nesse transporte empregaram-se 300 negros, inúmeros carros e barças. Ver BARLÉU, Gaspar. *História dos Feitos Recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. São Paulo: Itatiaia Ed., 1977: p. 112.

Referências Iconográficas

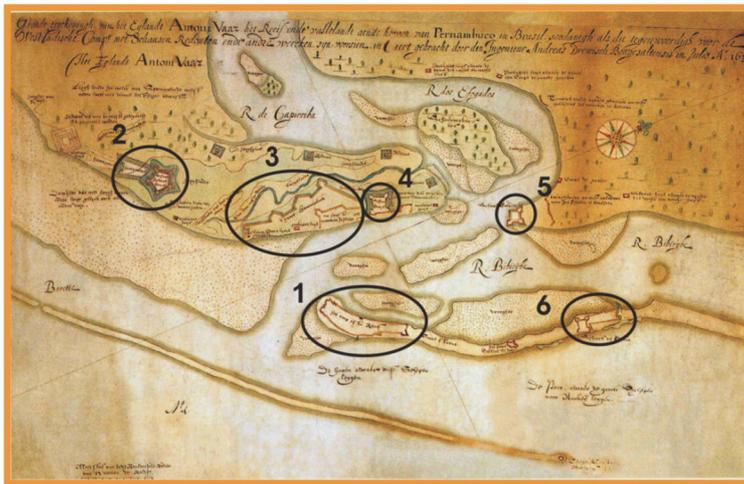


Figura 1 - *Grondt Teyckoningh* (1631), Andreas Drewisch

1. Muralha ao redor de Recife
2. Forte Frederico Henrique
3. *Groot Kwartier*
4. Forte Ernesto (Convento de Santo Antônio Fortificado)
5. Forte Waerdenburch
6. Forte do Brum

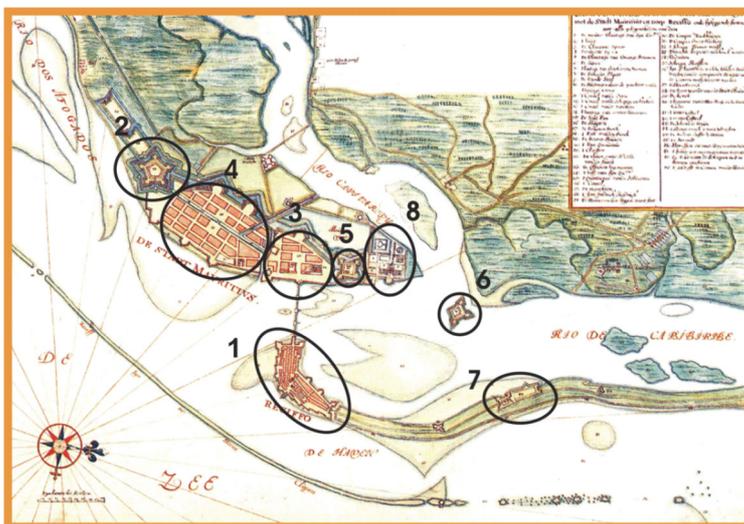


Figura 2 - *Caerte Vande Haven Pharnambocque* (1644), Cornelis Golijah

1. Recife
2. Forte Frederico Henrique
3. Velha Maurícia
4. Nova Maurícia
5. Forte Ernesto
6. Forte Waedenburch
7. Forte do Brum
8. Parque de Friburgo